



ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA PUBLICAÇÃO NACIONAL NA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO SOBRE SOFRIMENTO E PSICODINÂMICA DO TRABALHO

BIBLIOMETRIC STUDY OF NATIONAL PUBLICATIONS IN THE AREA OF ADMINISTRATION ABOUT THE SUFFERING AND PSYCHODYNAMIC OF WORK

Rejane Heloise dos Santos ⁽¹⁾

Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto ⁽²⁾

Universidade Estadual de Maringá/UEM, Maringá/PR

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo geral apresentar o cenário dos estudos brasileiros sobre sofrimento no trabalho. De forma específica, o trabalho procurou realizar uma revisão bibliográfica que abrange a produção nacional sobre o tema, dos últimos sete anos, em periódicos da área de Administração, com estratos Qualis/CAPES B5 ou superiores. Para tanto, abordou-se o conceito de sofrimento no trabalho na concepção da Psicodinâmica do Trabalho de Dejours. Para atingir o objetivo, realizou-se uma pesquisa bibliométrica com 41 artigos constantes no Scientific Periodicals Electronic Library. Como principais resultados, apresenta-se a escassez de trabalhos sob essa temática; a falta de complexidade e diversidade dos trabalhos existentes; a existência de um crescimento significativo nos últimos dois anos (2013 e 2014) em estudos na área e as principais causas do sofrimento no trabalho nos estudos brasileiros dizem respeito à falta de reconhecimento do trabalho, autonomia, vulnerabilidade e desvalorização do trabalhador.

Palavras-chave: Sofrimento no Trabalho; Bibliometria; Psicodinâmica do Trabalho.

ABSTRACT

This paper aims to present the current scenario of Brazilian studies related to suffering at work. More specifically, a bibliographic review was conducted to explore the national production of the theme, regarding the last seven years of publications in the most important administration/business journals belonging to the B5 Qualis/CAPES extract and above. The study approached the concept of pain at work based on the Work Psychodynamic of Dejours. In order to reach the objective, a bibliometric research was made with 41 articles from the Scientific Periodicals Electronic Library. The main results revealed a lack of studies specifically focused in this theme, a lack of complexity and diversity in the existing papers and a significant increment during the last two years (2013 and 2014) in studies regarding the theme. Besides that, the existing articles exposed the main causes of pain in the work environment, which are the lack of work knowledge, autonomy, vulnerability and depreciation of the employee.

Keywords: Suffering at Work; Bibliometrics; Work Psychodynamic.

INTRODUÇÃO

Diversos estudos vêm apontando a natureza das novas organizações de trabalho

como propulsoras de adoecimento, tendo causado consequências graves à saúde mental e física do trabalhador (DEJOURS, 1999; LANCMAN; GHIRARDI, 2002; HELOANI; LANCMAN, 2004; MERLO; MENDES, 2009). As origens, segundo Merlo e Mendes (2009), estão nas variadas transformações ocorridas que afetam diretamente aos trabalhadores, como a separação taylorista e fordista entre concepção e execução, e mais recentemente nas adoções dos modelos que se dizem flexíveis, demandando um trabalhador mais engajado em seu trabalho e mais submetido. Para os autores, além do sofrimento de trabalhar em tarefas ainda não atingidas pela reestruturação produtiva, adicionou-se o sofrimento pelas transformações em curso no trabalho, atingindo as instâncias de saúde física e mental.

Na concepção de Dejours (1999) essas novas organizações provocam mudanças na vida dos indivíduos que passam a ser obrigados a conviver com lógicas de mercado extremamente mutantes, em situações de constante instabilidade, ameaças vivenciadas como um mal inevitável dos tempos modernos. Lancman e Ghirardi (2002) asseveram que embora inúmeras pesquisas têm sido realizadas visando a melhoria da produtividade, condições e organizações do trabalho, muito poucas ainda são as que se preocupam, efetivamente, com as relações subjetivas do trabalhador com sua atividade, o sofrimento e desgaste gerado pelo trabalho e seus efeitos sobre a saúde mental e física dos indivíduos.

Descrevendo o cenário organizacional brasileiro, Merlo e Mendes (2009) afirmam a existência de modelos de gestão tayloristas-fordistas, somados à implementação de instrumentos dos modelos de reestruturação flexível, em ambientes de trabalho que ainda

não superaram a insalubridade e periculosidade do século passado, produzindo modelos próprios dos países de periferia capitalista, ou “modelo frankstein” que reúnem em um mesmo ambiente agressões à saúde física e psíquica de diferentes tipos, ocasionando resultados negativos potencializados.

Nesse sentido, Alves (2011) aponta que o novo complexo de reestruturação produtiva do capital, sob o espírito do toyotismo aliado a ideologia orgânica da produção capitalista implica tanto em inovações tecnológico-organizacionais como sociometabólicas que ocorrem pela disseminação de valores-fetichismo, expectativas e utopias de mercado e a constituição problemática do mundo do trabalho. As inovações sociometabólicas, segundo Alves (2011) são mudanças na natureza social influenciadoras de um novo clima ideológico e emocional dentro das grandes organizações, por meio das quais se constitui a subjetividade das pessoas, já que se caracterizam pelos valores-fetiches, que por sua vez, correspondem à grande quantidade de valores, utopias, fala e entonação do imperialismo simbólico, disseminados por meio dos conteúdos de treinamento em empresas; políticas de estado; conteúdo escolar; objetos da mídia, entre outros. Desse modo, a reestruturação produtiva não atinge apenas os locais de trabalho, mas espaços de reprodução social, constituindo a subjetividade do trabalho precário ou em desefetivação.

Sendo o homem um ser-trabalhador, no qual o seu vínculo com o trabalho é inevitável já que é pelo trabalho que o homem se reproduz, desenvolve sua imaginação e habilidades, aprende a conhecer suas forças, limitações, altera sua visão de si e do mundo, inova e contribui

com o desenvolvimento (OLETO; MELO; LOPES, 2013), corroboram-se como muito importantes os estudos que tratem das questões de sofrimento no trabalho. A compreensão das organizações do trabalho e suas reflexões na qualidade de vida, saúde e adoecimento dos trabalhadores são relevantes na percepção e intervenção de situações de trabalho que estejam gerando sofrimento e agravos à saúde das pessoas (HELOANI; LANCMAN, 2004).

O Relatório da Organização Mundial da Saúde de 2001 (OMS, 2015) evidenciou a relevância da saúde mental tão negligenciada, e sublinhou os números referentes às patologias psíquicas tratando da depressão grave (como a principal causa da incapacitação em todo o mundo, em quarto lugar entre as dez principais causas da carga patológica mundial); bem como os números referentes ao suicídio e do fato de que uma em cada quatro pessoas será afetada por um distúrbio mental em dada fase da vida.

De um modo geral, sabe-se que os estudos na área de Administração tendem a priorizar aspectos racionais, quantitativos, funcionais, econômicos, deixando de lado os aspectos mais subjetivos, sociológicos, ideológicos, como as relações de poder, a subjetividade do trabalhador, as forças alienantes e dominantes. O paradigma funcionalista¹ que, por muito tempo dominou as ciências administrativas, levou a que essas questões ganhassem espaços menores. Morgan (1996) nomeia essa perspectiva de pensamento mecanicista em que as organizações são vistas como máquinas e segundo o autor, essa é a teoria que tem orientado as organizações e a Administração desde a Revolução Industrial. A Teoria Crítica, os Estudos Pós-Modernos e alguns

estudos anteriores já tem assinalado essa escassez de pesquisas com viés mais subjetivo, sociológico, ideológico e vêm tentando reverter esse quadro, apontando a necessidade da mudança e da consideração do indivíduo, sua subjetividade e complexidade.

Heloani e Lancman (2004) argumentam que o trabalho assume um papel central na constituição da identidade individual e possui implicação direta nas formas de inserção social dos indivíduos, sendo fundamental na constituição de redes de relações sociais e de trocas afetivas e econômicas, base da vida cotidiana das pessoas. Para os autores, o trabalho permite o confronto entre mundo externo/objetivo e interno/singular do trabalhador, que poderão entrar em conflito e gerar sofrimento psíquico, uma vez que há uma contradição central entre a lógica das empresas, voltada para o lucro e produtividade e a do indivíduo, contraditória, permeada por desejos, medos, buscando manter sua saúde mental em meio a essas relações complexas. Por outro lado, Heloani e Lancman (2004) defendem que, do mesmo modo que o trabalho leva ao adoecimento e sofrimento, este mesmo trabalho pode ser fonte de prazer e desenvolvimento humano, o que significa que o trabalho e as relações dele originadas nunca podem ser tomados como um espaço de neutralidade subjetiva ou social.

Diante desse cenário, acredita-se que estudos envolvendo as organizações não podem deixar de trabalhar os aspectos da subjetividade do trabalhador bem como as relações de prazer e sofrimento no trabalho, visto que são aspectos que fazem parte da rotina organizacional, que precisam ser tratados continuamente dentro das empresas já que influenciam e são influenciados pelas práticas e tomadas de decisões de todos os

níveis concernentes à uma organização. São questões que interessam a Psicologia e ciências da saúde, mas do mesmo modo interessam, ou deveriam interessar aos pesquisadores em Administração.

Esse contexto evidencia a relevância das discussões acerca das questões inerentes ao sofrimento psicológico no trabalho, que tem sido estudado sob três maneiras diferentes, segundo Codo, Soratto e Vasques-Menezes (2004): estresse, psicodinâmica do trabalho e epidemiologia do trabalho. O presente trabalho se fundamenta na abordagem da Psicodinâmica do Trabalho, o que o leva a privilegiar uma determinada perspectiva, ou seja, aquela que discute sofrimento e saúde no trabalho. A abordagem da Psicodinâmica do Trabalho, de Christophe Dejours (2012b), de alguma forma inspirada na Psicanálise, segundo o próprio autor, possibilita uma compreensão atual acerca da subjetividade no trabalho. Essa abordagem fornece voz aos trabalhadores e uma visão diferenciada das ciências do trabalho, propondo criar espaços de discussão que expressem os sentimentos e contradições dos trabalhadores responsáveis pelo prazer e sofrimento no trabalho (DEJOURS, 1992).

Diante dessas colocações, o presente trabalho objetiva apresentar os principais conceitos da Psicodinâmica do Trabalho; o cenário dos estudos sobre sofrimento no trabalho e os resultados de uma revisão bibliográfica que abrange a produção nacional sobre o tema dos últimos sete anos, em periódicos da área de Administração, com estratos B5 ou superiores.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visando atingir aos objetivos supracitados, realizou-se primeiro uma exposição da concepção dejouriana da

Psicodinâmica do Trabalho para a devida conceituação de sua teoria, seus aspectos relevantes e sua perspectiva sobre o sofrimento do trabalhador. Posteriormente, realizou-se uma exposição da produção acadêmica em geral sobre sofrimento no trabalho. Em se tratando do primeiro passo, procedeu-se a seleção da amostra considerando-se publicações em periódicos científicos da área de Administração. A escolha dos periódicos levou em consideração o fato de eles constarem no sistema de biblioteca eletrônica Scientific Periodicals Electronic Library - SPELL®. Esse sistema está vinculado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD e consiste em um repositório de trabalhos que proporciona acesso à informação técnico-científica, prioritariamente da área de Administração, reunindo os principais periódicos que estão classificados no Qualis de avaliação de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, nas áreas de Administração, Contabilidade e Turismo no estrato B5 ou superior. Ao todo, 92 periódicos integram o SPELL®(2015) possibilitando a realização de uma pesquisa em 30.583 trabalhos (SPELL, 2015).

Para o segundo passo na realização da seleção da amostra, fixou-se o histórico temporal disponível, no qual segundo o repositório, sua base de dados inicia-se com as publicações datadas do ano 2008 os termos chave estabelecidos foram “sofrimento no trabalho”, “adoecimento no trabalho” e “psicodinâmica”. A escolha dos termos ocorreu por critério de julgamento dos pesquisadores, com o objetivo de englobar todos os trabalhos que viessem a tratar da temática analisada. Assim, obteve-se uma amostra inicial composta por 44 artigos,

escolhidos a partir da leitura do título e do resumo do trabalho.

Referente ao terceiro momento tabelaram-se os dados por meio de planilhas em Excel, por meio da leitura individual e análise de conteúdo de cada um destes artigos. Após esta terceira etapa, resultou-se uma amostra de 41 artigos que foram utilizados como amostra final. Verifica-se, portanto, que 3 artigos foram excluídos após a terceira etapa, pois na realização da leitura dos trabalhos na íntegra, identificou-se que estes não tratavam da temática pesquisada, e centravam-se em questões de estudo qualitativo sobre o trabalho com famílias de pessoas com sofrimento mental; elementos paradoxais sob a égide dos discursos de qualidade e produtividade e abordagem das diferentes formas de trabalho do terceiro setor.

SOFRIMENTO NO TRABALHO

Mendes, Costa e Barros (2003) afirmam que os estudos sobre prazer-sofrimento no trabalho vêm sendo trabalhados pela ótica da psicodinâmica do trabalho como um constructo dialético marcado pela dinâmica de evitar o sofrimento e buscar o prazer. Essa dinâmica, segundo os autores, resulta do enfrentamento do sofrimento por meio da utilização de estratégias defensivas que visam negação ou controle do sofrimento e estratégias de mobilização coletiva que ajudam na ressignificação do sofrimento buscando a transformação das situações geradoras do sofrimento em geradoras do prazer. Mendes et al. (2003) argumentam que o fracasso na utilização dessas estratégias pode levar ao adoecimento do indivíduo no trabalho.

ENTRE O TRABALHO PRESCRITO E O TRABALHO REAL: O ZELO

Dejours (2012a), sobre a relação subjetiva do indivíduo com o trabalho, discorre que a inteligência no trabalho não consiste apenas em realizar algo qualitativamente, mas sim uma expansão da própria subjetividade do indivíduo que se realiza na tarefa, moldando habilidades pessoais e profissionais ao esforço em superar os obstáculos que estão além das agilidades e prescrições técnicas. O ato de trabalhar, nesse sentido, relaciona-se em criar essa ponte entre o trabalho prescrito e o trabalho realizado, ou seja, o que o sujeito deve acrescentar de si às instruções que lhes são dadas para atingir aos objetivos que lhe cabe, resolvendo os problemas inerentes ao não funcionamento exato das instruções que recebe. Essa questão da discrepância entre o trabalho realizado e o trabalho estabelecido foi percebida na psicanálise em encontro com a ergonomia (DEJOURS, 2012b) e não consiste em contraversão destas normas, mas sim no necessário descumprimento das normas recebidas, de forma a realizar qualitativamente a tarefa e impedir que haja algum tipo de “crise na produção”.

Nesse contexto, Dejours (2012a) menciona o que chama de paradoxo do real, que ocorre quando sua experiência e conhecimento se choca com a ineficiência da prescrição e com a verificação de que essa norma é inadequada em abarcar o problema como um todo, e o trabalhador defronta-se com o fracasso, vivenciando uma experiência desagradável, angustiante, um sentimento de debilidade, descontentamento ou irritação. Trabalhar, portanto, é experienciar a resistência da realidade com os roteiros pré-estabelecidos, os quais tornam necessários

que se empreendam soluções, truques e jeitinhos.

O autor também trabalha o conceito que chama de “zelo” que consiste no que podemos chamar de “trabalho prático”, no ato de realizar a tarefa, e diz respeito à vontade e o empenho em colocar essa inteligência criativa para realizar a referida ponte entre o trabalho prescrito e o trabalho efetivo. Para Dejours (2012b), esse conceito respalda-se na inteligência que permite compor soluções para reduzir a extensão entre o teórico (a norma, a tarefa prescrita) e o prático (o que o indivíduo executa, de fato) e da utilização dessa inteligência para dirimir os conflitos subjacentes a essa extensão.

Desse modo, o autor argumenta que o sofrimento no trabalho começa quando, ainda que empreendendo o zelo, o trabalhador não consegue aventar soluções eficazes e realizar a tarefa de forma qualitativa, e do mesmo modo, o prazer se estabelece quando o zelo resolve efetivamente o conflito inerente a esse trabalho prático. Dejours (2012b) ao analisar o zelo mais profundamente, assevera que prazer e sofrimento no trabalho decorrem do trabalho em si, assim como o zelo consiste na subjetividade, nas emoções, nos sentimentos do trabalhador aplicados a este conflito com a realidade. Nesse sentido, a habilidade no trabalho envolve a psique e subjetividade em experienciar o real pelo fracasso; em não idealizar as soluções ideais necessárias à tarefa; na experimentação do sofrimento; no sentimento de insuficiência e angústia.

O mesmo autor, Dejours (2012a), esclarece que a inteligência prática e competência são obtidas mediante várias tentativas fracassadas de superar essa extensão entre trabalho prescrito e trabalho prático, e que se faz necessária devida obstinação e determinação do sujeito para

obtê-las. Nesse processo, essas dificuldades e angústia provenientes das tentativas fracassadas são transportadas para fora do âmbito profissional, uma vez inerente a sua subjetividade, muitas vezes acarreta em apreensões na esfera familiar, que acabam sendo objetos de transferência dessa irritação experienciada pelo trabalhador.

A busca pelas soluções e a invenção de novas soluções criativas enceta uma transformação individual profunda, uma vez que o trabalho não cessa em seu espaço próprio (fábrica, escritório, entre outros), mas se expande ao habitar toda a subjetividade. É esse comprometimento da subjetividade para com o zelo no trabalho que demanda atenção, uma vez que ele pode produzir o que há de melhor, a ponto do trabalho se tornar um mediador na construção da saúde do indivíduo, pela experimentação do prazer, mas por outro lado, pode também produzir o que há de pior, quando ao invés do prazer existe apenas o sofrimento, resultando em doença mental (DEJOURS, 2012b).

ENTENDENDO A CARGA PSÍQUICA DO TRABALHO: O SOFRIMENTO PELO PRISMA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Dejours, Abdoucheli e Jayet (2007) pensando na separação comumente realizada entre trabalho/carga física e trabalho/carga mental, esclarecem que essa carga mental engloba inúmeras variáveis afetivas e relacionais a partir de uma mistura de fenômenos de ordem neurofisiológicos e psicofisiológicos e assim, os autores explicitam a particularidade da vivência individual e qualitativa experimentada por cada pessoa, a qual na impossibilidade de se explicar objetivamente ou quantitativamente se propõe um modelo qualitativo para

abordá-la: a abordagem econômica do funcionamento psíquico.

Essa abordagem, como explicitam Dejours et al. (2007) defende que cada indivíduo, de forma particular, estando expostos à excitações de ordem interior e exterior possuem muitas maneiras de descarregar sua energia, seja via psíquica, motora ou visceral. Assim, o indivíduo no trabalho, exposto a estas excitações acumula certa “carga psíquica” (que os autores chamam de energia pulsional), a qual necessita de uma via de descarga. Essa necessidade consiste na questão fundamental entre a problemática do aparelho mental e do trabalho físico: se o trabalho realizado por um trabalhador oferece, efetivamente, a canalização apropriada de sua energia psíquica, ou a via de descarga apropriada. Em outros termos, o equilíbrio ideal é que o trabalhador encontre essa via de descarga no próprio trabalho para evitar que ocorram tensões psíquicas.

Nesse sentido, os autores emitem ainda, três considerações relacionadas ao trabalho: 1) a constituição do trabalhador não é um “motor humano”, mas produto de suas influências interiores, psíquicas, com o exterior que vivencia; 2) o trabalhador não chega a seu trabalho como uma máquina nova, mas imbuído de toda uma trajetória, história pessoal, sentimentos, aspirações, desejos, motivações, necessidades e demais aspectos pessoais; 3) cada trabalhador possui vias de descarga diferentes, concernente à estrutura de sua personalidade individual (DEJOURS et al., 2007).

Na concepção de Dejours et al. (2007) o trabalho torna-se perigoso para a saúde mental quando ocorre a oposição ao seu funcionamento livre, pois é ideal que a tarefa exija suficientes atividades psíquicas, fantasmáticas e psicomotoras, gerando certo

“equilíbrio”. De um lado, existe o perigo de empregar excessivamente habilidades fisiológicas, do outro, de empregar muito poucas habilidades psíquicas, pois a energia pulsional acaba ficando retida e constituindo a carga psíquica do trabalho. Em outros termos, se um trabalho permite a diminuição da carga psíquica ele é equilibrante e opondo-se a essa diminuição, é fatigante (DEJOURS et al., 2007).

Dejours et al. (2007) asseveram que muitos trabalhos não permitem espaço para atividades fantasmáticas, e elas não são utilizadas, fechando a via de descarga psíquica. Em outros termos, o indivíduo nesse caso, não tem chances de explorar suas potencialidades, e suas habilidades e aptidões encontram-se subaproveitadas, acumulando energia psíquica tornando-se fonte de tensão e desprazer. Essa carga psíquica cresce até aparecer a fadiga, astenia e a patologia, ou seja, o trabalho fatigante. Por outro lado, o trabalho livremente escolhido ou organizado, possui vias de descargas mais adaptadas às necessidades, e o trabalho torna-se um meio de relaxamento e o trabalhador se sente melhor após a realização deste, gerando satisfação. Este é o trabalho equilibrante.

O sofrimento encontra-se na impossibilidade do trabalhador exercer sua iniciativa na resolução dos conflitos, por tratar-se de uma organização autoritária e centralizadora; ou no contrassenso que o impede de exercer o zelo frente às situações que se encontra, colocando em prática as soluções que julga conveniente ao se deparar com o trabalho prático real de modo a resultar uma discrepância entre a sua personalidade e o trabalho que lhe é permitido realizar.

Dejours et al. (2007) argumentam que o conflito opõe o desejo do trabalhador (seu

projeto espontâneo) à realidade do trabalho (a organização do trabalho), limitando a realização desse projeto a um modo operatório preciso, tornando a organização à vontade do outro. Ou seja, o indivíduo se vê preso à organização (por vários motivos, como por exemplo, por ser provedora dos recursos que ele necessita para sobreviver) e realiza uma atividade a qual está preso, não pode desenvolver o crescimento de suas capacidades e tampouco aplicar as que já possuem.

Nesse contexto, a organização é a divisão do trabalho e sua repartição entre os trabalhadores, recortando o conteúdo da tarefa e as relações humanas do trabalho. A organização expressa o exercício de uma vontade: de controlar, de explorar ao máximo a força de trabalho, de substituir o livre arbítrio do trabalhador pela ordem e métodos, destituindo o trabalhador de seu corpo físico e psíquico, domesticando-o e forçando-o a agir de acordo com a vontade do outro, na concepção taylorista de desapropriar os artesãos de sua competência e centralizá-los. O indivíduo se vê obrigado a agir de acordo com a vontade do outro ao invés de agir conforme acredita ser mais viável, renegando sua individualidade, seus desejos, gerando insatisfação e descontentamento. Desse modo, a contradição fundamental do trabalhador é o desejo de trabalhar contra a vontade do empregador, que comanda a carga psíquica de trabalho (DEJOURS ET AL., 2007).

Nesta contradição, traz-se a abordagem de Freud (1974) em "O Mal-estar na Civilização", que apresenta esse conflito enfrentado pelo homem em todos os âmbitos da vida civilizada, em que, não sendo este último adepto ao trabalho, é obrigado a trabalhar em razão da repressão social, uma vez que em tudo o que lhe é prazeroso existe

a contrapartida e necessidade de trabalho penoso e sofrimento, necessário à organização da vida civilizada, bem como a canalização dos impulsos sexuais para o trabalho; a renúncia da satisfação; a restrição dos seus desejos e prazeres que se busca satisfazer, mas que se torna impossível conseguir, pensando numa civilização que é contrária as necessidades humanas.

No âmbito organizacional, um destes conflitos relativos ao mal-estar da civilização é o que Dejours et al. (2007) estariam ilustrando na relação homem-trabalho, que origina o sofrimento por meio da impossibilidade do rearranjo da organização do trabalho, uma vez que a energia pulsional, não encontrando descarga no exercício do trabalho, acumula-se no aparelho psíquico, ocasionando um sentimento de desprazer e tensão e a relação do trabalhador com a organização do trabalho é bloqueada, originando o sofrimento. A clínica demonstra, segundo Dejours et al. (2007), que essa energia não pode permanecer por muito tempo no aparelho psíquico e quando as capacidades de contenção são transbordadas, ela recua para o corpo, desencadeando perturbações mais intensas de angústia ou agressividade, gerando a fadiga como resultado de uma carga psíquica excessiva, uma vez que a fadiga pode ser somática, mas também psíquica ou nervosa. Avançando a carga psíquica, sem que haja a interrupção do trabalho, da evolução do processo, a fadiga desencadeia a patologia.

Na concepção de Dejours et al. (2007) para transformar um trabalho fatigante em um trabalho equilibrante, existe a necessidade de flexibilizar a organização de trabalho, de modo a proporcionar maior liberdade ao trabalhador para rearranjar seu modo operatório e encontrar os gestos que lhe podem fornecer prazer, expandindo ou

reduzindo sua carga psíquica de trabalho. Quando essa solução não for possível, faz-se necessária uma reorientação profissional que leve em conta às aptidões do trabalhador, suas necessidades, visando o pleno emprego das aptidões psicomotoras, psicossensoriais e psíquicas que se relaciona com a condição de prazer no trabalho.

PSICODINÂMICA E PSICOPATOLOGIAS DO TRABALHO

Trabalho e suicídio

Dejours (2012b) defende que a relação subjetiva no trabalho pode levar a subjetividade por caminhos tão insuportáveis que alguns trabalhadores acabam por se suicidar. Ao explicitar o motivo pelo qual os suicídios no trabalho eram raros, tendo aumentado sua frequência, os autores justificam por meio de duas assertivas. A primeira é que por se tratarem de ambientes mais ocupados por homens, essa socialização exigia que os trabalhadores desenvolvessem estratégias de defesa de coragem, força, resistência, indiferença frente ao sofrimento. A segunda diz respeito à mudança de atitude dos colegas quando percebiam sofrimento no outro, mudando de zombaria para solidariedade, ajuda mútua e atenção.

Os autores apontam que quando ocorre um suicídio no trabalho, essa solidariedade e ajuda mútua, (que funcionavam como prevenção das descompensações assumidas pelo coletivo do trabalho) já não mais existem e deram lugar a uma relação social de cada um por si. Esse fato, segundo Dejours e Bégue (2010) constitui um problema que afeta toda a comunidade de trabalho uma vez que sua ocorrência reflete uma profunda degradação do conjunto do tecido humano e social do trabalho, pois o viver-junto em coletividade

encontra-se deteriorado e quando um trabalhador comete o suicídio, todo o local de trabalho está enfrentando um problema grave.

Discutindo algumas proposições de estudiosos que afirmam que o suicídio não é fruto do trabalho, Dejours (2012b) elenca três possíveis mecanismos que podem levar ao suicídio, são eles: 1) um contexto de transtornos psicopatológicos reconhecidos e que já tiveram início antes do episódio de gatilho; 2) franca depressão, que pode ligar-se à degradação da situação de trabalho; 3) relação com o trabalho, sem apresentar transtornos psicopatológicos. A elucidação do processo de suicídio exige uma análise aprofundada do comprometimento subjetivo com a tarefa.

Dejours e Bégue (2010) afirmam que o suicídio é tratado geralmente de três formas: 1) abordagem pelo estresse, que associa às perturbações psíquicas aos fatores ambientais vivenciados pelo sujeito; 2) uma análise estruturalista que atribui o suicídio e outras patologias à fatores individuais e 3) o trabalho, seus constrangimentos e sua estrutura é decisiva. O que Dejours e Bégue (2010) parecem tentar mostrar é a desestruturação do aspecto coletivo do trabalho, o trabalhador atual solitário, a importância do reconhecimento no trabalho e o quanto os trabalhadores são influenciados por ele.

O trabalho repetitivo

Dejours (1992) afirma que o modelo de trabalho repetitivo operacional taylorizado realiza mais divisões entre as pessoas do que união, pois ainda que os trabalhadores estejam inseridos no mesmo contexto do local de trabalho - barulho, cadência, disciplina -, essa organização da estrutura confronta um a um dos operários,

isoladamente, ao passo que a competitividade os obriga a encontrarem, sozinhos, soluções para obterem alguns segundos a mais de produtividade, atingirem as metas individuais, submetidos às violências da produtividade. O autor aponta que a chantagem dos prêmios e a aceleração dos processos, torna o trabalhador desesperadamente só, assumindo individualmente o tédio mediante sua tarefa e a ansiedade.

Quando se trata de trabalhos de caráter coletivo, cujo sentido é conhecido por todos, Dejours (1992) sublinha que o trabalho em equipe propicia a realização de defesas coletivas, o que não ocorre no modelo taylorizado, em que o indivíduo desconhece a razão de ser de sua tarefa e tendo desmanchada a coletividade operária; quebrada a adaptação da empresa às necessidades do organismo; realizada toda vigilância, resultam apenas corpos dóceis, desprovidos de iniciativa, tornando possível adestrar, treinar.

Em outros termos, nessa concepção, o trabalho repetitivo apaga as iniciativas espontâneas, e enquanto tudo fornece a ilusão de ser partilhado (o mesmo local de trabalho, os mesmos equipamentos) opera uma uniformização aparente, tornando os indivíduos anônimos, substituíveis (devido ao intercâmbio de operários), mas sozinhos, devido à proibição de comunicar-se com o seu colega de trabalho, e a responsabilidade ao final do dia, de ter apresentado determinada produção de “peças”.

Segundo Alves (2011) o processo de precarização do trabalho no capitalismo global atinge a objetividade e a subjetividade da classe trabalhadora na constituição de um novo nexos psicofísico capaz de moldar e direcionar ação e pensamento de operários e empregados em conformidade com a

racionalização da produção. Na concepção do autor a organização toyotista do trabalho capitalista possui uma densidade manipulatória de maior envergadura que não captura apenas o saber fazer do trabalhador, mas sua disposição intelectual-afetiva constituída para cooperar com a lógica da valorização.

Reconhecimento do trabalho

Para Dejours (2012b) muitas pessoas não chegam a aproveitar a experiência de si mesmo realizada no trabalho, porque sua identidade não está bem assentada em seus fundamentos e elas necessitam que a contribuição de suas inteligências à qualidade de seu desempenho seja validada pelos outros, espera-se do outro o reconhecimento. O reconhecimento, por sua vez, tem um impacto considerável sobre a identidade, e graças a ele uma parte essencial do sofrimento é transformada em prazer no trabalho.

O perigo do reconhecimento na psicodinâmica do trabalho se dá segundo Dejours (2012b) quando por uma identidade muito frágil um trabalhador torna-se intrincado aos julgamentos de reconhecimento pelo outro, e sua continuidade identitária depende desse reconhecimento. O reconhecimento de que fala Dejours e Bègue (2010) não é relativo a pessoa do trabalhador, mas sobre a qualidade de seu trabalho, somente no reconhecimento pelos pares ele pode realizar o registro do fazer para o registro do ser, da identidade. Assim, de reconhecimento em reconhecimento o sujeito fortalece sua identidade e a consolida.

A psicodinâmica do reconhecimento, nesse sentido, é capaz de transformar o sofrimento no trabalho em prazer, nesse sentido de fortalecimento da identidade, que

é o elemento principal à saúde mental para Dejours e Bègue (2010). Desse modo, o trabalho pode fortalecer a identidade como pode levar à crise de identidade e descompensação psicopatológica.

Estratégias defensivas na Psicodinâmica do Trabalho atual

Codo et al. (2004) afirmam ter havido mudanças na orientação das pesquisas relacionadas à Psicodinâmica do Trabalho, e o ponto de partida passa então de tratar o que adocece o trabalhador, para como ele se mantém são, apesar das diversidades. Os estudos passam então a focar a compreensão das estratégias adotadas pelo trabalhador para manter-se saudável apesar de certos modos de organização do trabalho patologizantes.

Segundo os autores, os sofrimentos inerentes aos processos de trabalho são impossíveis de serem eliminados, mas passa a se focar estratégias defensivas que podem proteger o trabalhador do sofrimento, ao mesmo tempo em que o aliena, afastando-o dos problemas da organização do trabalho. Codo et al. (2004) defendem que ainda que a Psicodinâmica do Trabalho não seja suficiente para entender o homem no trabalho, os estudos de Dejours representam um esforço importante no entendimento do

sofrimento psíquico do trabalho e na relação saúde mental e trabalho, a partir do referencial teórico psicanalítico. Os autores afirmam que algumas categorias criadas no desenvolvimento dos seus trabalhos representam avanços relevantes no campo e pesquisadores brasileiros vêm desenvolvendo trabalhos a partir de seus pressupostos.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta seção abordará primeiro a síntese ilustrada do levantamento dos 41 artigos referenciados como amostra, encontrados nos periódicos de Administração disponíveis na plataforma SPELL® (2015) nos últimos sete anos.

A Tabela 1 apresenta os periódicos científicos aos quais fazem parte os artigos da referida amostra, além de fornecer informações sobre as revistas acadêmicas específicas da área de Administração, com seu ISSN e classificação no Qualis/Capes (BRASIL, 2015), perfazendo um total de 22 periódicos.

Tabela 1 - Lista de Periódicos de Administração em que foram encontrados artigos sobre este assunto

N	Título do Periódico	ISSN	N de Artigos	Qualis
10	RAM - Revista de Administração Mackenzie	1678-6971	4	B1
2	Cadernos EBAPE.BR	1679-3951	3	B1
13	RCA - Revista de Ciências da Administração	1516-3865	3	B1
17	Revista de Gestão	2177-8736	3	B2
20	RGO - Revista Gestão Organizacional	1983-6635	3	B2
7	Organizações & Sociedade	1984-9230	2	A2
3	G&P - Revista Gestão & Planejamento	2178-8030	2	B2
5	Gestão e Sociedade	1980-5756	2	B3
9	RAC - Revista de Administração Contemporânea	1982-7849	2	A2
12	RAUSP - Revista de Administração	0800-2107	2	A2
14	REAd. Revista Eletrônica de Administração	1413-2311	2	B1
18	Revista Economia & Gestão	1984-6606	2	B2
19	Revista Eletrônica de Ciência Administrativa	1677-7387	2	B2
1	Administração Pública e Gestão Social	2175-5787	1	B3
4	Gestão & Regionalidade	2176-5308	1	B1
6	O&S - Organizações & Sociedade	1984-9230	1	A2
8	Organizações Rurais & Agroindustriais	1517-3857	1	B1
11	RAUnP - Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar	1984-4204	1	B3
15	Revista de Administração da Unimep	1679-5350	1	B1
16	Revista de Administração Pública	0034-7612	1	A2
21	ROC - Revista Organizações em Contexto	1982-8756	1	B2
22	Teoria e Prática em Administração	2238-104X	1	B4

Fonte: Elaborado pelos autores

A inspeção da Tabela 1 demonstra a lista dos periódicos científicos brasileiros da área de Administração nos quais foram encontrados trabalhos concernentes ao tema “sofrimento no trabalho” de acordo com a última classificação Qualis/Capes e uma primeira consideração que pode ser feita é a verificação de que relevantes revistas da área não se fazem presentes por não possuírem trabalhos com a temática pesquisada nos últimos sete anos. Tomamos, para exemplificar nossa proposição, a Revista de Administração de Empresas - RAE, ISSN 2178-938X, de grande relevância na área, classificada como A2 na Qualis/Capes (BRASIL, 2015), a qual se encontra ausente desta pesquisa por não se encontrarem artigos neste recorte, sendo o último e único trabalho constante na revista e, por conseguinte, fora desta análise, um artigo de 2001. Convém ressaltar também o baixo número de artigos publicados, concernentes a

uma base de dados que totaliza 30.583 documentos, encontrou-se somente 41 para um período entre 2008 e 2015, ou seja, a presente amostra refere-se a 0,13% da publicação realizada na área de Administração. Para obter um exemplo comparativo simplificado com outras temáticas, realizamos a consulta para o mesmo recorte temporal, utilizando a temática da gestão de pessoas, por meio da palavra chave “gestão de pessoas” na qual encontramos 673 resultados, que se referiria a 2,20% da publicação.

Esse resultado encontrado concorda com o encontrado por Oleto, Melo e Lopes (2013) referente ao pequeno número de pesquisadores brasileiros em Administração que se interessam pelo tema exposto. Embora esse número seja reduzido, salienta-se a relevância de tratar a subjetividade do trabalhador também na Administração, devido à relevância do tema, em que há muito tempo já se evidenciou a necessidade

de considerar a complexidade do fator humano em todos os seus aspectos ao tratar as organizações.

Os resultados também apontam uma concentração de publicação sobre o tema em alguns periódicos específicos. A Revista de Administração Mackenzie - RAM, por sua vez, com 4 artigos (9,76%) se destaca em relação as demais, e as revistas Cadernos EBAPE.BR; RCA - Revista de Ciências da Administração e Revista de Gestão (7,32% cada uma delas) com 3 artigos cada uma e os anos analisados não se mostraram demasiadamente produtivos nesta temática uma vez que a média de artigos ficou em 2,92% ao ano.

O Gráfico 1 mostra que em se tratando dos anos de produção, verifica-se um aumento maior da produção acerca do sofrimento no trabalho nos últimos dois anos, que pode significar um aumento no interesse por parte dos pesquisadores em investigar a presente questão com uma produção acima dos anos anteriores em 2013 (14,63%) de 6 artigos, que se eleva ainda mais em 2014 (21,95%) com 9 artigos produzidos.

Desconsideraremos da análise o presente ano de 2015, visto que ainda está em vigência e que os artigos nem sempre são publicados no ano de sua produção. É possível grosso modo interpretar esses dados de forma a esperar pela manutenção desse

crescimento em 2015, pensando que esse tema tem atraído mais o interesse dos pesquisadores, visto que conforme exposto, o Relatório da OMS de 2001 evidenciou o alarmante crescimento das patologias psíquicas e sua importância. Por outro lado, anos anteriores como 2010 a 2012 tiveram produções muito baixas (com 4,88% e uma média de 2 artigos por ano). Um pouco mais atrás, verifica-se que os anos de 1999 a 2001 não tiveram nenhuma publicação, denotando a não existência de interesse no tema nas publicações da área de Administração durante esses três anos. O resultado total também demonstra uma média total baixa, publicada anualmente, de 2,7 artigos, ou seja, nem 3 artigos por ano.

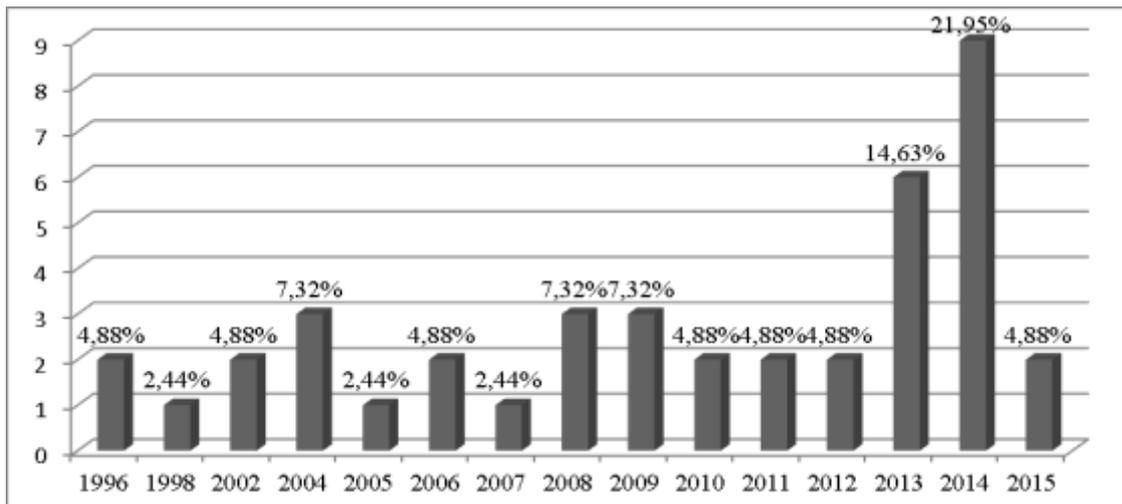


Gráfico 1 - Artigos relacionados a sofrimento no trabalho publicados por ano

Fonte: Elaborado pelos autores

Verifica-se que os artigos publicados possuem até no máximo 4 autores, sendo em sua maioria publicados em dupla (58,54%); a seguir em trio (19,51%); seguidos pelos artigos publicados em autoria única (14,63%) e em quatro pessoas (7,32%). Por outro lado, dos 86 autores responsáveis pela amostra, verificam-se 78 pesquisadores únicos, o que ilustra que a grande maioria deles (90,70%) publicou apenas uma vez, um único trabalho sobre o tema, o que pode nos levar a inferir que para a grande maioria dos autores, essa não é a temática em que são especialistas, ou o tema principal de seus projetos. Apenas um autor publicou 4 vezes (1,16% da amostra), um autor publicou 3 vezes (1,16%), 6 autores publicaram 2 vezes cada um (6,98%).

No total, 36 instituições brasileiras e 2 internacionais foram abarcadas como contribuintes nos artigos dos 86 pesquisadores verificados, como local de trabalho ou o local pelos quais obtiveram a

última titulação. Verifica-se que a Universidade Federal de Lavras – UFLA de Minas Gerais é a instituição brasileira mais engajada na temática de sofrimento no trabalho, com 14 autores (16,28%) com publicações. A instituição em questão é imediatamente seguida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS de Porto Alegre, com 7 autores. Deste modo, ao observar a distribuição por região geográfica brasileira dos autores de cada artigo, constata-se um destaque obtido por um percentual mais acentuado na região Sudeste (58,14%) com mais da metade dos autores, seguida pelas regiões Sul (16,28%) e Centro-Oeste (13,95%), tendo a região Nordeste obtido um percentual menor (9,30%) e a região Norte sequer tendo surgido no levantamento. A Tabela 2 aponta a quantidade de autores e as instituições a que se encontram relacionados.

Tabela 2 - Quantidade de autores ligados às instituições

INSTITUIÇÃO	N AUTORES	PERC.
Universidade Federal de Lavras	14	16,28%
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	7	8,14%
Faculdade Novos Horizontes	6	6,98%
Universidade de Brasília	6	6,98%
Universidade de São Paulo	4	4,65%
Universidade Federal de Minas Gerais	4	4,65%
Universidade Federal de Santa Catarina	4	4,65%
Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas	3	3,49%
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	3	3,49%
Universidade Federal do Ceará	3	3,49%
Fundação Getúlio Vargas	2	2,33%
Fundação Getúlio Vargas	2	2,33%
Universidade Estadual do Ceará	2	2,33%
Universidade Federal do Paraná	2	2,33%
Faculdade de Ciências da Saúde em São Paulo	1	1,16%
Faculdades de Campo Grande	1	1,16%
Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília	1	1,16%
Pontifícia Universidade Católica de Goiás	1	1,16%
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	1	1,16%
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	1	1,16%
Univeridade de Brasília	1	1,16%
Universidade Candido Mendes	1	1,16%
Universidade Católica de Goiás	1	1,16%
Universidade de Fortaleza	1	1,16%
Universidade de Montreal	1	1,16%
Universidade Estácio de Sá	1	1,16%
Universidade Estadual de Montes Claros	1	1,16%
Universidade Federal da Bahia	1	1,16%
Universidade Federal de Goiás	1	1,16%
Universidade Federal de São Paulo	1	1,16%
Universidade Federal de Viçosa	1	1,16%
Universidade Federal do Rio de Janeiro	1	1,16%
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	1	1,16%
Universidade Federal Fluminense	1	1,16%
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	1	1,16%
Universidade FUMEC	1	1,16%
Universidade Presbiteriana Mackenzie	1	1,16%
Université Rene Descartes, Paris V, Sorbonne	1	1,16%

Fonte: Elaborado pelos autores

Com relação aos subtemas referentes ao sofrimento no trabalho, foram identificadas pesquisas que procuravam investigar o sofrimento e processo de trabalho: na área da enfermagem e hospitalar (LUNARDI FILHO; MAZILLI, 1996a e 1996b; CÂNDIDO, 2004; WEBER, GRISCI, 2010; BARROS; HONÓRIO, 2015); quanto à subjetividade do trabalhador no terceiro setor (SALIMON; SIQUEIRA, 2013; COSTA, 2007);

tocante às vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor (VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2013; VILAS BOAS; MORIN, 2014; MARTINS; HONÓRIO, 2014); e dos acadêmicos (VALADARES; MACEDO; ALCÂNTARA; MAFRA, 2014) concernente ao voluntário empresarial (SCHEFFER, 2008); aos recursos humanos (CASTRO; CANÇADO, 2009); aos produtores rurais (THIOLIEN; DORIGON, 2014); aos trabalhadores de shopping center

(TOMAZINI; MACEDO, 2010); pertinente aos tele atendentes (MENDES; VIEIRA; MORRONE, 2009; DIAS, FACAS; MORRONE; MENDES, 2011); à uma executiva (LOURENÇO; FERREIRA; BRITO); em uma empresa familiar (HERNANDES; MACÊDO, 2008); relativo ao setor bancário (PINHEIRO; BARROS; BOTELHO JUNIOR, 2012; LINHARES; SIQUEIRA, 2014); em uma empresa de panificação (CAVEDON, PIRES, 2006); relacionado a uma inovação social (COSTA; BASTOS; LIMA; SILVA FILHO, 2014); alusivo a um centro de pesquisas (FALCE; GARCIA; MUYLDER, 2011); quanto ao significado do trabalho dos juízes (MAZZILI; PAIXÃO, 2002); à flexibilização do trabalho e gestão de pessoas (LOCH; CORREIA, 2004); correspondente ao conflito entre gerações (FARIA; BRUNING, 2013); ao funcionário padrão capitalista (PAULA; PINTO; LOBATO; MAFRA, 2014); aos valores e justiça (ADLER, SILVA, 2013; SOUZA; MENDONÇA, 2009); ao assédio moral (CARRIERI; AGUIAR; DINIZ, 2013); consonante à sobrevivência no trabalho (SILVA, COSTA, 2015); referente ao trabalho e a subjetividade (BACKES, 2012, LEMOS, MAZZILLI, KLERING, 1998); ao impacto do desemprego e medo da demissão (ARGOLO; ARAÚJO, 2004; CUNHA; MAZZILLI, 2005); quanto ao adoecimento no trabalho (PRATA, HONÓRIO, 2014); à sedução organizacional (VIEIRA, 2014); à Psicodinâmica do Trabalho (BETIOL; TONELLI, 2002); à vida pessoal versus profissional (RABIA; CHRISTOPOULOS, 2008); finalmente ao controle (GUIMARÃES, 2006).

Em se tratando do referencial teórico utilizado, a seção correspondente à temática do sofrimento no trabalho, visando

identificar quais as bases mais utilizadas pelos autores brasileiros nas pesquisas encontrou 266 referências/citações, destas 157 eram exclusivas. O autor mais citado foi Christophe Dejours (18,42%) que apareceu 38 vezes isoladamente e 11 vezes em obras com outros autores, seguido por Ana Magnólia Mendes (9,77%) 15 vezes individualmente e 11 vezes com outros autores. Entende-se, portanto, que a referência na área de sofrimento no trabalho para os pesquisadores em Administração brasileiros é Dejours, seguido pela autora brasileira mais lida na área, Mendes, por Mário César Ferreira, também brasileiro e Eugène Enriquez, depois Wanderley Codo e finalmente, Freud foram os autores mais citados. Encontraram-se trabalhos que apresentam como perspectiva teórica as aspirações marxistas de poder e ideologia, em alguns momentos citando o próprio autor, em outros citando textos inspirados em sua obra, analisando estas questões no trabalho relativas ao sofrimento do indivíduo, bem como ainda também perspectivas foucaultianas.

No que diz respeito às conclusões obtidas pelos trabalhos analisados referentes às causas do sofrimento no trabalho, 65 causas foram identificadas e analisadas nos resultados dos 41 artigos da amostra. A Tabela 3 ilustra o ranking do número de vezes cada causa aparece nos trabalhos levantados.

Tabela 3 - Conclusões dos trabalhos sobre a causa do sofrimento

CAUSAS DO SOFRIMENTO NO TRABALHO	N	PERC.
Falta de reconhecimento do trabalho, autonomia, vulnerabilidade e desvalorização	14	21,54%
Ritmo intenso de trabalho, burocracia, modelo taylorista,	10	15,38%
Relações socioprofissionais enfraquecidas pela falta de integração ou práticas gerenciais problemáticas	8	12,31%
Ausência de sentimento de prazer, incondizência com seus desejos e aspirações	7	10,77%
Sobrecarga, estress, esgotamento no trabalho, física e psíquica	7	10,77%
Pressões impostas	5	7,69%
Precariedade das condições laborais	5	7,69%
Desequilíbrio trabalho-vida	3	4,62%
Modernidade, prática social consolidada e sistema capitalista	3	4,62%
Discurso que esconde a violência; discursos do determinismo	2	3,08%
Medo de perder a oportunidade de trabalho em questão	1	1,54%

Fonte: Elaborado pelos autores

Analisando a Tabela 3, é possível verificar que as maiores causas de sofrimento no trabalho apontadas pelos trabalhos selecionados, diz respeito à liberdade do trabalhador, sua autonomia, seu reconhecimento e valorização e ao quanto estão vulneráveis (21,54%). Esta questão vai ao encontro com a acepção de Dejours et al. (2007) que ao discorrer acerca da relação homem-trabalho mencionam a relevância do reconhecimento pelo trabalho exercido, por parte do trabalhador, evidenciando que o reconhecimento é uma das causas do prazer por meio do trabalho.

Em segundo lugar o modelo taylorista de trabalho, (15,38%) marcado pelo ritmo intenso, pela competitividade, pela ausência de laços sociais, ao qual conforme discutido por Dejours o indivíduo é confrontado individualmente pela organização, pela qual necessita responder em formas de ser mais produtivo, trabalhar mais rápido. Dejours (1992) menciona a questão da indignidade operária, a vergonha de ser robotizado, não ser mais que um apêndice de máquina, às vezes ser sujo, não ter imaginação ou inteligência, estar despersonalizado. Também o toma o sentimento de inutilidade, que

remete à falta de qualificação e finalidade do trabalho: desqualificação. Esses sentimentos levam a vivência depressiva, que amplia esses sentimentos e é dominada pelo cansaço.

A terceira questão concerne nas relações sócio profissionais ou de gestão problemáticas, (12,31%) que são agravadas pela competitividade inerente as duas questões anteriores, tão presentes no contexto de trabalho atual. Dejours e Bègue (2010) asseveram que a avaliação individualizada induz a concorrência e o clima se degrada se a ela for acrescentado um sistema de bonificação mal organizado. O método, além de gerar o sistema “cada um por si”, faz surgir rapidamente para além da emulação saudável, consultas rivais desleais, gerando não apenas efeitos negativos na cooperação, mas nas relações de respeito, confiança, lealdade, ajuda mútua que se deterioram. Os autores defendem que a incidência do suicídio não decorre apenas de injustiças, mas da terrível experiência de silêncio dos outros, abandono, recusa de testemunha e covardia dos outros, pela traição dos colegas.

As demais questões verificadas demonstram ainda outras questões já discutidas por Dejours como ausência do sentimento de prazer, incondizência com

desejos e aspirações (10,77%); sobrecarga, stress, esgotamento físico e psíquico no trabalho (10,77%); pressões impostas (7,69%); precariedade das condições de trabalho (7,69%); o desequilíbrio entre trabalho e vida (4,62%); questões relativas ao sistema social moderno capitalista (4,62%); discurso econômico da supervalorização do capital (3,08%) bem como o medo (1,54%).

Conforme ilustrado pelo Gráfico 2, em se tratando da natureza da pesquisa a maioria dos trabalhos (58,54%) são de natureza qualitativa, seguidos pelos trabalhos quantitativos (21,95%) e a minoria híbridos (10,51%) que mesclam métodos qualitativos e quantitativos. Esse resultado corrobora, portanto, a predominância da abordagem qualitativa em empreender pesquisas acerca do sofrimento no trabalho, em consonância com a sugestão de Oleto, Melo e Lopes (2013) que defendem o desenvolvimento de pesquisas qualitativas nessa temática, que possibilitem dar voz à subjetividade do trabalhador, bem como a intensificação da leitura psicanalítica sobre a variável cultura, para melhor entendimento da dinâmica no mundo contemporâneo.

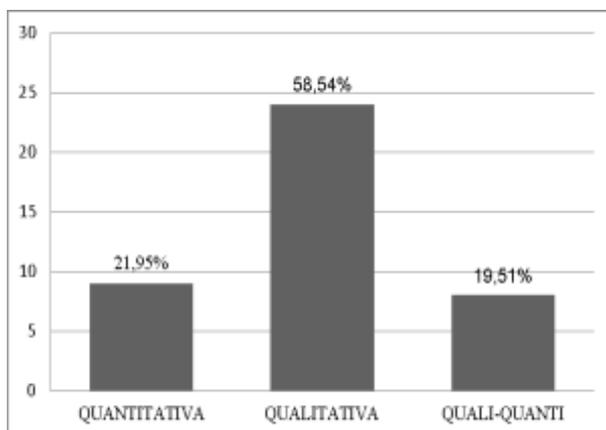


Gráfico 2 - Natureza das pesquisas dos artigos

Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação às técnicas utilizadas para a análise dos dados, mais da metade dos

estudos utilizou análises de conteúdo (51,22%), seguidos por métodos de estatística descritiva (19,51%) e a seguir por técnicas mistas (14,63%) e análise do discurso (12,20%). O Gráfico 3 apresenta esse resultado.

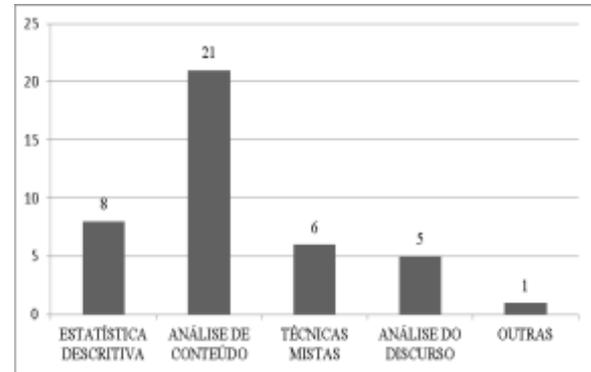


Gráfico 3 - Técnicas de análise utilizadas nos artigos de Sofrimento no Trabalho

Fonte: Elaborado pelos autores

Esta questão também se evidencia com relação à origem e coleta de dados. A grande maioria dos artigos estudados trabalhou com entrevistas e questionários aplicados à situações específicas (72,34%), utilizando poucos dados secundários (21,28%) e menos ainda dados híbridos aliando os dois tipos (6,38%). O que pode se traçar um perfil de que a publicação brasileira sobre sofrimento no trabalho tem estudados casos particulares, acerca de situações mais específicas ou análises isoladas e estudos de caso, deixando de lado estudos mais abrangentes e significativos que trace perfis dos trabalhadores brasileiros, do sofrimento no trabalho enfrentado por esses trabalhadores e as modalidades gerais que podem ocorrer, entre outros aspectos. O Gráfico 4, também corrobora esse aspecto de estudos específicos, quando ilustra a pouca exploração de dados secundários (21,28%) e menos ainda da utilização de dados híbridos (6,38%) que poderia levar os trabalhos de questões específicas para aspectos mais gerais. Os estudos específicos são relevantes

para entender os casos analisados, bem como fornecer auxílio à tomada de decisão de várias formas, mas pecam em apresentar um panorama geral sobre a temática.

Observa-se que a origem dos dados, técnicas de análise e natureza da pesquisa dos artigos analisados nem sempre se apresenta de forma explícita pelos autores, nos trabalhos da amostra. Assim, em alguns casos, a classificação foi realizada pelos autores do presente trabalho, com base nas questões metodológicas observadas.

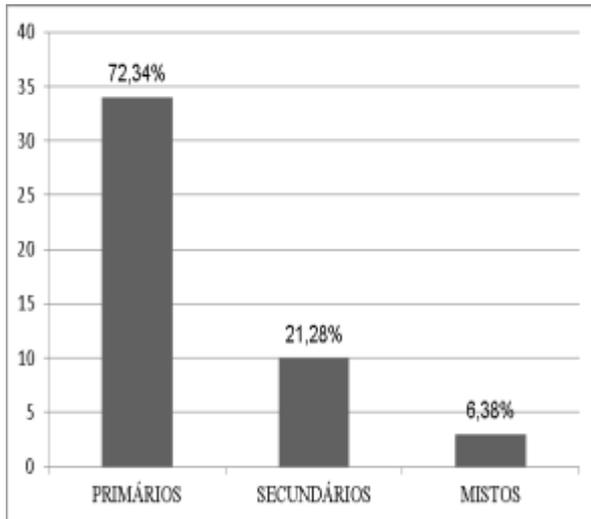


Gráfico 4 - Origem dos dados coletados

Fonte: Elaborado pelos autores

CONCLUSÃO

Este estudo analisou a evolução das pesquisas existentes sobre sofrimento no trabalho na literatura brasileira na área de Administração. Na análise de uma amostra final de 41 artigos publicados durante o período de sete anos, verificou-se que o número de artigos publicados é baixo e que relevantes revistas não apresentaram nenhum artigo nesta temática, o que pode significar ausência de interesse dos pesquisadores em Administração tratarem o tema do sofrimento no trabalho. Esse

resultado corrobora com o encontrado por Oletto, Melo e Lopes (2013).

Considerando-se que o aprofundamento sobre essas questões se relaciona diretamente com questões importantes das organizações, que dialogam objetiva e subjetivamente com seus trabalhadores, atores desse contexto social (OLETO; MELO; LOPES, 2013), recomenda-se como relevante que o campo da Administração empreenda pesquisas acerca do referido tema. Heloani e Lancman (2004) defendem que há diversas teorias e profissões envolvidas nos estudos de propostas e alternativas organizacionais que possam melhorar a qualidade de vida, humanizar relações de trabalho, repensar o fator humano nos processos tecnológicos e estudar os efeitos dessas organizações na qualidade de vida, saúde e trabalho e que o incremento desses estudos e pesquisas só pode ocorrer por meio da união de esforços interdisciplinares que possam contemplar a complexidade da nova realidade e contribuir no desenvolvimento de propostas de intervenção e transformação do trabalho.

Verificou-se que o periódico que mais concentra estudos acerca do sofrimento no trabalho é a Revista de Administração Mackenzie - RAM e que existe um crescimento significativo nos últimos dois anos (2013 e 2014) em estudos na área. Os trabalhos publicados são, na grande maioria, realizados em dupla e 86 autores compuseram a amostra, sendo que a grande maioria (90,70%) publicou apenas uma vez sobre o tema. No total, 36 instituições brasileiras contribuíram para o tema, sendo a Universidade Federal de Lavras - UFLA de Minas Gerais a instituição brasileira mais engajada na temática de sofrimento no trabalho, com 14 autores (16,28%) com publicações.

Evidenciou-se que a temática do sofrimento no trabalho se subdivide em vários outros temas, que foram elucidados ao longo do presente trabalho, que tabelou 266 referências/citações, destas 157 exclusivas. Comprovou-se que o autor referência no assunto é Christophe Dejours (18,42%) que apareceu 49 vezes no total, seja isoladamente ou com outros autores, seguido por Ana Magnólia Mendes (9,77%) autora brasileira segunda mais citada nos trabalhos no país.

A análise sublinhou, em se tratando das conclusões obtidas pelos trabalhos analisados referentes às causas do sofrimento no trabalho, 65 causas nos resultados dos 41 artigos da amostra, em que as principais que permeiam os estudos brasileiros dizem respeito à falta de reconhecimento do trabalho, autonomia, vulnerabilidade e desvalorização do trabalhador (21,54%) seguidas pelo ritmo intenso de trabalho, modelo taylorista burocrático e competitivo (15,38%).

Em se tratando da natureza da pesquisa, a maioria dos trabalhos (58,54%) são de natureza qualitativa e mais da metade utiliza análises de conteúdo (51,22%). Com relação à origem e coleta de dados a grande maior parte trabalhou entrevistas e questionários (62,96%), O que pode se traçar um perfil de que a publicação brasileira sobre sofrimento no trabalho tem estudados casos particulares, deixando de lado estudos mais abrangentes e significativos que trace perfis dos trabalhadores brasileiros, do sofrimento no trabalho enfrentado por esses trabalhadores e as modalidades gerais que possam ocorrer.

A pesquisa sobre sofrimento no trabalho tem se intensificado nos últimos dois anos, embora seus números ainda sejam demasiadamente pequenos. Conforme evidenciou-se por meio do referencial teórico,

o sofrimento psíquico do trabalhador pode levar ao adoecimento e causa danos à sua saúde física e psíquica, evidenciando sua relevância. Mas ainda assim, embora cresçam os casos de doenças mentais (conforme aponta a OMS) os estudos organizacionais não acompanham esse crescimento, apresentando escassez de estudos e ausência de trabalhos complexos e/ou elaborados.

Não temos hoje no Brasil, na área de Administração, pesquisas que apresentem dados sobre o perfil do trabalhador brasileiro que abarque sua complexidade e variação, tampouco dados que nos informem a gravidade ou não da questão em se tratando do adoecimento psíquico relativo ao trabalho, ou uma comparação com os outros países. Sugere-se, portanto, para futuras pesquisas, que se investiguem os dados brasileiros de forma mais unificada e menos específica do que os estudos vêm trabalhando.

A guisa de conclusão, diante do que foi exposto, pode-se dizer que o presente trabalho cumpriu o seu objetivo de apresentar o cenário dos estudos sobre sofrimento no trabalho e os resultados de uma revisão bibliográfica que abrange a produção nacional sobre o tema. Este estudo contribuiu para sistematizar o conhecimento acumulado, ao realizar a revisão da literatura recente em Administração, abrangendo o recorte temporal de sete anos e recomendando reflexões que embasem uma agenda de pesquisa sobre o tema, a qual pode-se afirmar que resulta a um ponto de partida para pesquisas futuras.

Por sua vez, algumas limitações podem ser apontadas. Este estudo não vislumbrou esgotar a literatura nacional sobre sofrimento no trabalho, em razão de ter investigado os periódicos científicos de nível superior ao estrato Qualis B5, da área de Administração. Outra omissão se refere à

utilização da base de dados disponível no sistema eletrônico Scientific Periodicals Electronic Library - SPELL®, no recorte temporal disponível na biblioteca, dos últimos sete anos. Considerando-se que estudos bibliométricos abrangem pesquisas publicadas além de artigos periódicos e nos níveis inferiores ao estrato B5, não se utilizou fontes diversificadas de coletas de dados. Pesquisas futuras podem ampliar a análise e as palavras-chave da busca, visando confirmar se outros trabalhos diferentes de artigos seguem a mesma metodologia, escassez e demais questões evidenciadas no presente estudo.

Apesar das limitações discutidas os estudos bibliométricos são relevantes em

examinar a base de conhecimento existente acerca das temáticas referidas e se caracterizam uma metodologia importante para a revisão da literatura. Desse modo, a avaliação produzida por este estudo permitiu a realização de um mapeamento sobre a produção brasileira concernente ao sofrimento organizacional e os resultados apontam para a necessidade de se enfatizar nos estudos de Administração e na publicação de seus periódicos, questões relativas ao sofrimento psíquico, adoecimento e saúde no trabalho, que fazem parte do contexto organizacional, mas não de sua pesquisa e devida atenção.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. **Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ADLER, C. S.; SILVA, A. L. A interface entre valores humanos e mudança organizacional: evidências de uma operação de aquisição. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 2, p. 16-41, 2013.

ARGOLO, J. C. T.; ARAÚJO, M. A. D. O impacto do desemprego sobre o bem-estar psicológico dos trabalhadores da cidade de Natal. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 8, n. 4, p. 161-182, 2004.

BACKES, A. L. Trabalho e subjetividade: sofrimento psíquico em contexto de mudanças organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 6, n. 14, p. 117-138, 2012.

BARROS, N. M. G. C.; HONÓRIO, L. C. Riscos de Adoecimento no trabalho de médicos e enfermeiros em um hospital regional mato-grossense. **Revista de Gestão**, v. 22, n. 1, p. 95-113, 2015.

BETIOL, M. I. S.; TONELLI, M. J. A trama e o drama numa intervenção: análise sob a ótica da psicodinâmica do trabalho. **Organizações & Sociedade**, v. 9, n. 24, p. 11-23, 2002.

BRASIL. **Plataforma Sucupira**. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/index_consultas.jsf#>. Acesso em 20 jul. 2015.

BURREL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann Educational Books, 1979. p. 1-37.

CÂNDIDO, G. A. Sofrimento físico e mental de auxiliares de enfermagem numa abordagem gerencial: um estudo de caso. **Revista de Ciências da Administração**, v. 6, n. 11, p. 35-54, 2004.

- CARRIERI, A. P.; AGUIAR, A. R. C.; DINIZ, A. P. R. Reflexões sobre o indivíduo desejante e o sofrimento no trabalho: o assédio moral, a violência simbólica e o movimento homossexual. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 11, n. 1, p. 165-180, 2013.
- CASTRO, P. M.; CANÇADO, V. Prazer e sofrimento no trabalho: a vivência de profissionais de recursos humanos. **Revista Gestão & Planejamento**, v. 10, n. 1, art. 2, p. 19-37, 2009.
- CAVEDON, N. R.; PIRES, R. P. "O pão nosso de cada dia": as representações sociais sobre a vida familiar e profissional dos trabalhadores na indústria da panificação. **Revista Economia & Gestão**, v. 6, n. 12, p. 1-20, 2006.
- CODO, W.; SORATTO, L.; VASQUES-MENEZES, I. Saúde mental e trabalho. In.: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- COSTA, J. S.; BASTOS, G. M. F.; LIMA, B. C. C.; SILVA FILHO, J. C. L. Inovação social, prazer e sofrimento no trabalho: o caso do Projeto Mandalla no Ceará. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 6, n. 1, p. 11-18, 2014.
- COSTA, S. G. O pai que não é patrão: vivência de sujeitos terceirizados no Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul. **Organizações & Sociedade**, v. 14, n. 42, p. 97-113, 2007.
- CUNHA, E. G.; MAZZILLI, C. P. A gestão do medo: o mal como instrumento de gestão na ótica da psicodinâmica do trabalho. **Revista Gestão & Planejamento**, v. 1, n. 11, p. 32-46, 2005.
- DEJOURS, C. **Banalização da Injustiça Social**. São Paulo: Fundação Getulio Vargas, 1999.
- DEJOURS, C. BÈGUE, F. **Suicídio e trabalho: o que fazer**. Brasília: Paralelo, 2010.
- DEJOURS, C. A. **Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DEJOURS, C. **Trabalho vivo: sexualidade e trabalho** (Tomo 1, F. Soudant trad.). Brasília: Paralelo, 2012a.
- DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução**. Translated by Gustavo A. Ramos Mello Neto. *Psicol. estud.* [online]. 2012b, vol.17, n.3, pp. 363-371.
- DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho, contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2007.
- DIAS, T. T. P.; FACAS, E. P.; MORRONE, C. F.; MENDES, A. M. "Vai atender em 20 minutos?" Estratégias de enfrentamento do sofrimento no trabalho de teleatendentes em uma central de denúncia de abuso sexual. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 12, p. 195-215, 2011.
- FALCE, J. L.; GARCIA, F. C.; MUYLDER, C. F. Prazer e sofrimento: um estudo de caso em um centro de pesquisas brasileiro. **Gestão & Regionalidade**, v. 27, n. 81, art. 10, p. 74-86, 2011.
- FARIA, J. H.; BRUNING, C. O problema dos mais novos: um estudo de caso sobre o conflito de gerações na linha de produção de uma montadora automotiva da Região Metropolitana de Curitiba. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 12, n. 3, p. 353-365, 2013.
- FREUD, S. "O mal estar na civilização". In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GUIMARÃES, M. C. Controle no trabalho: uma reflexão sobre antigas e novas formas de controle e suas consequências sobre os trabalhadores. **Revista de Gestão**, v. 13, n. 1, p. 1-10, 2006.

- HELOANI, R.; LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 77-86, 2004.
- HERNANDES, J. C.; MACÊDO, K. B. Prazer e sofrimento no trabalho numa empresa familiar: o caso de um hotel. **Revista Gestão Organizacional**, v. 1, n. 1, art. 1, p. 7-19, 2008.
- LANCMAN, S.; GHIRARDI, M. I. G. Pensando novas práticas em Terapia Ocupacional, saúde e trabalho. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, v. 13, n.2, p. 44-85, 2002.
- LEMOS, A. M.; MAZZILLI, C.; KLERING, L. R. Análise do trabalho prisional: um estudo exploratório. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 2, n. 3, p. 129-149, 1998.
- LINHARES, A. R. P.; SIQUEIRA, M. V. S. Vivências depressivas e relações de trabalho: uma análise sob a ótica da Psicodinâmica do Trabalho e da Sociologia Clínica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 12, n. 3, p. 0-0, 2014.
- LOCH, C. L.; CORREIA, G. S. A flexibilização do trabalho e da gestão de pessoas limitadas pela racionalidade instrumental. **Revista de Ciências da Administração**, v. 6, n. 12, p. 9-30, 2004.
- LOURENÇO, C. D. S.; FERREIRA, P. A.; BRITO, M. J. O significado do trabalho para uma executiva: a dicotomia prazer e sofrimento. **Revista Organizações em Contexto**, v. 9, n. 17, p. 247-279, 2013.
- LUNARDI FILHO, W. D.; MAZZILLI, C. Contribuição ao estudo qualitativo do trabalho na área de enfermagem. **Revista de Administração Pública**, v. 30, n. 4, p. 57-73, 1996a.
- LUNARDI FILHO, W. D.; MAZZILLI, C. O processo de trabalho na área de enfermagem: uma abordagem psicanalítica. **Revista de Administração**, v. 31, n. 3, p. 63-71, 1996b.
- MARTINS, A. A. V.; HONÓRIO, L. C. Prazer e Sofrimento - Docente em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Minas Gerais. **Organizações & Sociedade**, v. 21, n. 68, p. 835-852, 2014.
- MAZZILLI, C. P.; PAIXÃO, R. Análise do significado do trabalho dos juízes em Mato Grosso do Sul. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**, v. 8, n. 1, p. 1-23, 2002.
- MENDES, A. M. B.; COSTA, V. P.; BARROS, P. C. R. Estratégias de enfrentamento do sofrimento psíquico no trabalho bancário. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 3, n. 1, p. 59-72, 2003.
- MENDES, A. M. B.; VIEIRA, A. P.; MORRONE, C. F. Prazer, sofrimento e saúde mental no trabalho de teleatendimento. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 8, n. 2, p. 151-158, 2009.
- MERLO, A. R. C.; MENDES, A. M. B. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, Brasil**, v. 12, n. 2, p. 141-156, dez. 2009.
- MORGAN, G. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996
- OLETO, A. F.; MELO, M. C. O. L.; LOPES, A. L. M. Análise bibliométrica da produção sobre prazer e sofrimento no trabalho nos encontros da associação nacional de pós-graduação em administração (2000-2010). **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília DF: Conselho Federal de Psicologia, v. 33, n. 1, p. 60-73, 2013.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Relatório sobre a saúde no mundo**. Saúde mental, nova concepção, nova esperança. 2001. Disponível em: < <http://www.abebe.org.br/wp-content/uploads/oms2001.pdf>>. Acesso em 28 jun. 2015.

- PAULA, A. V.; PINTO, L. B.; LOBATO, C. B. P.; MAFRA, F. L. N. Desenho também é coisa séria - desvelando o "funcionário padrão" da sociedade capitalista moderna no desenho animado Bob Esponja Calça Quadrada. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 5, p. 45-71, 2014.
- PINHEIRO, D. R. C.; BARROS, T. A. V.; BOTELHO JUNIOR, S. Vivências de prazer e sofrimento no setor bancário brasileiro. **RAUnP - Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar**, v. 5, n. 1, p. 81-92, 2012.
- PRATA, M. M. F.; HONÓRIO, L. C. Riscos de adoecimento no trabalho: a percepção dos gerentes de um banco privado brasileiro. **Revista Gestão Organizacional**, v. 7, n. 1, p. 31-42, 2014.
- RABIA, S.; CHRISTOPOULOS, T. P. Incompatibilidade entre vida pessoal e vida profissional dos gestores na Era do Conhecimento. **Revista de Gestão**, v. 15, n. 3, art. 4, p. 37-54, 2008.
- SALIMON, M. I.; SIQUEIRA, M. V. S. Ideologia gerencialista e subjetividade do trabalhador no terceiro setor. **Revista de Administração**, v. 48, n. 4, p. 643-657, 2013.
- SCHEFFER, A. B. B. Prazer e sofrimento no trabalho do voluntário empresarial. **Revista de Ciências da Administração**, v. 10, n. 20, art. 1, p. 11-36, 2008.
- SCIENTIFIC PERIODICALS ELETRONIC LIBRARY - SPELL®. **Sobre o SPELL. Características.** Disponível em: <<http://www.spell.org.br/sobre/caracteristicas>> . Acesso em 20 jul. 2015.
- SILVA, M. C.; COSTA, I. S. A. Sobreviver ao trabalho: narrativas míticas na realidade organizacional. **Revista de Administração da Unimep**, v. 13, n. 1, p. 141-164, 2015.
- SOUSA, I. M.; MENDONÇA, H. Justiça organizacional, prazer e sofrimento no trabalho: análise de um modelo mediacional. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 10, n. 4, p. 57-74, 2009.
- TOMAZINI, T.; MACÊDO, K. B. As vivências dos trabalhadores de um shopping center em relação ao seu trabalho: uma abordagem psicodinâmica. **Revista Gestão Organizacional**, v. 3, n. 2, art. 2, p. 209-224, 2010.
- THIOLLENT, M. J.; DORIGON, C. Estudo das condições de vida, trabalho e saúde de produtores rurais: a contribuição de Michèle Salmona. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 16, n. 3, p. 376-387, 2014.
- VALADARES, J. L.; MACEDO, A. D. S.; ALCÂNTARA, V. C.; MAFRA, F. L. N. 'Afim, você também trabalha?'. Reflexões sobre o Não Trabalho no ambiente da pós-graduação em Administração. **Teoria e Prática em Administração**, v. 4, n. 2, p. 206-233, 2014.
- VIEIRA, F. O. "Quem vê cara, não vê coração": aspectos discursivos e eufemísticos da sedução organizacional que disfarçam violência e sofrimento no trabalho. **Revista Economia & Gestão**, v. 14, n. 36, p. 194-220, 2014.
- VILAS BOAS, A. A.; MORIN, E. M. Ppsychological well-being and psychological distress for professors in brazil and Canada. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 6, p. 201-219, 2014.
- VILELA, E. F.; GARCIA, F. C.; VIEIRA, A. Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública. **READ. Revista Eletrônica de Administração**, v. 19, n. 2, p. 517-540, 2013.
- WEBER, L.; GRISCI, C. L. I. Trabalho, gestão e subjetividade: dilemas de chefias intermediárias em contexto hospitalar. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 8, n. 1, art. 4, p. 53-70, 2010.

NOTAS TEXTO

¹ O paradigma funcionalista cunhado por Burrell e Morgan (1979), largamente difundido e por muito tempo dominante nos estudos organizacionais, enfatiza uma existência real e concreta para a sociedade, que por sua vez possui caráter objetivo e sistêmico, orientado a produzir um estado de coisas metódico, regulado e ordenado e o comportamento visto como algo subjugado a um mundo social real de relacionamentos concretos e tangíveis. O funcionalismo se opõe a paradigmas como o humanista radical, por exemplo, que acredita que a criação da realidade se influencia por processos psíquicos, sociais que controlam a racionalidade humana, atuante em uma sociedade socialmente criada e sustentada, vinculada a interesses.

NOTA

(1) Mestranda em Administração pela Universidade Estadual de Maringá/UEM. Especialista em Engenharia de Produção pelo Centro Universitário Cesumar. Graduada em Administração pelo Centro Universitário Cesumar e em Tecnologia em Processos Gerenciais pelo Centro Universitário Cesumar. Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual de Maringá.

(2) Tem Pós-doutorado em Psicanálise pela Université Paris Diderot, Paris 7, França. Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo/USP. Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP. Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/UNESP. Professor Associado da Universidade Estadual de Maringá/UEM.

Enviado: 12/08/2015

Aceito: 07/04/2016